

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT07.001

CONCEPÇÕES DE GÊNERO ASSOCIADAS ÀS DIVERSAS DISCIPLINAS CURRICULARES

Laura Amélia Fernandes Barreto¹
Andreza Gama de Menezes Cardoso²

RESUMO

Este estudo aborda as Concepções de gênero associadas às diversas disciplinas curriculares, realizada com professores do Ensino Médio do Colégio Menino Deus, instituição privada que atende a alunos de classe média do município de Mossoró – RN, tendo como questão norteadora: De que maneira a escola associa a questão do gênero às diversas disciplinas curriculares? Nesse sentido, procurou-se abordar as mais recentes literaturas acerca dos temas em destaque: relações de gênero, sexualidade, relações de poder, escola e docência, a fim de compreendermos a realidade da qual nos propomos a estudar. O objetivo desse artigo é analisar e compreender as associações de gênero na escola a partir dos papéis masculinos e femininos associados às diversas disciplinas curriculares. O estudo foi desenvolvido com base na abordagem qualitativa, utilizando-se como técnica de coleta de dados a observação direta e a entrevista semiestruturada. Os resultados revelam que a mulher contemporânea sofreu uma grande influência do seu histórico-social. Durante muitos anos a mulher devia obediência ao gênero masculino. Hoje, a mulher possui autonomia de suas vontades. Essa evolução feminina favoreceu, também, uma grande evolução na sociedade, pois a mulher ocupa cargos importantes que antes eram denominados apenas para os homens. No entanto, ainda há o preconceito quanto aos sexos e as profissões escolhidas. A escola, por sua vez, é o ambiente que tem por função ensinar conteúdos e repassar valores e, o professor, ocupa um lugar importante nessa tarefa. Nesse sentido, na investigação realizada,

1 Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros (UERN/CAPF), lauraafbarreto@hotmail.com.

2 Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia (PROFBIO) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – RN, andrezagama@hotmail.com.

os docentes dos mais variados sexos que lecionam as diversas disciplinas escolares, apesar de alguns sofrerem com discriminações por parte dos alunos e pais, não são contratados pela questão de gênero e, sim, pela sua qualificação e competência. Desse modo, a instituição investigada não associa a questão do gênero à disciplina lecionada na contratação dos seus funcionários.

Palavras-chave: Relações de Gênero. Escola. Educação. Docência.

INTRODUÇÃO

Assim como as relações de gênero, as identidades são construídas ao longo da história, pois há uma série de aspectos culturais, sociais e simbólicos que determinam a identificação dos sujeitos e sua formação. Nesse contexto, enquadrar-se em um gênero é assumir, também, as marcas identitárias que historicamente marcam esse gênero. Para compreender essas concepções, Beauvoir (1980) afirma que, independentemente do sexo em que nascemos, não se nasce mulher, mas torna-se mulher e através das modificações sociais, culturais e históricas a que pertencemos é que podemos nos definir quanto ao um gênero. Homens e mulheres são ensinados, existe toda uma formação desde sua infância até a sua fase adulta.

Em conjunto com a evolução da mulher e das discussões sobre as relações de gênero, a escola também passou por modificações e novas expansões de conhecimentos e conceitos acerca desta mesma temática: a diferença entre os gêneros masculino e feminino. Na atualidade, é, a escola, grande responsável pelos ensinamentos e, principalmente, pela formação de conceitos. Também responsável pelas relações mais diversificadas, entre elas a de gênero.

Os professores e alunos que antes eram apenas do sexo masculino começaram a diversificar o pensamento com a entrada das mulheres na escola como alunas e, conseqüentemente, como professoras. Após a Proclamação da República tentou-se, de várias formas, reajustar melhorias para a educação, mas nenhuma delas obteve o sucesso desejado. Atualmente, as mudanças no planejamento educacional são constantes, no entanto as características são as mesmas impostas anteriormente na história (Louro, 2010).

Com relação ao corpo docente, o sistema educacional mantinha professores do sexo masculino, já que a mulher não poderia assumir trabalhos fora de casa. Somente a partir da década de 1970 houve um grande aumento de estudantes do sexo feminino em todos os tipos de ensino, ampliando-se a sua participação profissional no mercado de trabalho. Com o passar do tempo a mulher vai conquistando seu espaço e, na contemporaneidade, assume novas funções, passando a dividir com o homem a responsabilidade com relação à família. Na escola, observa-se o maior número de professores do sexo feminino, desde a educação infantil ao ensino médio, ministrando as mais diversas disciplinas.

A dualidade entre sexo e gênero sobreviveu até a década de 80, sendo o primeiro para a natureza e o segundo, para cultura. Os estudos acerca do gênero traziam novas perspectivas e entre as feministas que abalaram essa concepção se destaca a historiadora estadunidense Joan Scott, quando da escrita de seu célebre artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995), publicado originalmente em 1986. Este artigo tornou-se um clássico, influenciando não só os Estados Unidos como também todo o mundo. Scott inicia seu artigo chamando atenção para o que ela considera os usos descritivos de gênero: quando apenas se percebe a realidade envolvendo as mulheres e homens sem que se vá muito além.

Assumidamente pós-estruturalista, a historiadora, através do método de desconstrução do francês Jacques Derrida busca desconstruir o pensamento do Ocidente acerca da oposição atemporal entre homem e mulher (Piscitelli, 2002). Scott, influenciada pelas concepções de Michel Foucault, entende o gênero como um saber sobre as diferenças sexuais. E, como há uma relação entre saber e poder, o gênero estaria entrelaçado às relações de poder, sendo, nas suas palavras, uma primeira forma de dar sentido a estas relações.

Através desses referenciais, Scott (1995) conclui que gênero é uma concepção acerca das diferenças sexuais, hierarquizando essas diferenças dentro de uma maneira de pensar engessada e dual. O que interessa a Scott são as formas como se constituem os significados culturais para as diferenças de corpos sexuados, dando sentido para essas e, conseqüentemente, posicionando-as dentro de relações hierárquicas.

Temos, portanto, a tal utilidade analítica de gênero: a possibilidade de nos fazer compreender e nos aprofundar nos sentidos formados acerca dos gêneros masculino e feminino, transformando “homens” e “mulheres” em perguntas, e não em categorias fixas, dadas de antemão. O reconhecimento das diferenças entre os corpos não leva, contudo, à manutenção da dicotomia sexo x gênero. Se o corpo é entendido de acordo com o ponto de vista social, o conceito de sexo estaria amparando o conceito de gênero (Nicholson, 2000). Logo, não faria sentido pensar o sexo como pertencente à natureza, pois separar a natureza e a cultura seria um produto cultural.

A utilidade do gênero constitui um ponto ainda mais ubíquo da realidade social do que a classe. Nesse sentido, o feminismo tomou como responsabilidade a tarefa de desvelar os aspectos dessa realidade que têm sido omitidos pela associação do humano ao masculino, e, assim, colocou em questão os conhe-

cimentos científicos e a visão de mundo que a ciência historicamente construiu (Held, 1985; Sardenberg, 2007; Harding, 2010).

Os estudos feministas avançaram no século XX, transformando-se em uma escola teórica conceituada e de legitimidade e com grande relevância para as ciências, especialmente as ciências sociais. Esses estudos têm grande importância por inovar os aportes de importantes e novos conhecimentos, os quais direcionam para a formação de políticas públicas essenciais para o desenvolvimento humano na sociedade atual. A pesquisa feminista trouxe para conhecimento do público um novo objeto de escrutínio para a ciência: o sistema sexo/gênero.

Harding (1983) concorda que a posição crítica feminista foi insuficiente em relação às epistemologias existentes, impedindo, assim, as teóricas/os feministas de enxergar que o sistema sexo x gênero ia muito além da expressão de talentos e/ou capacidades naturalizadas “socialmente visíveis, de crenças funcionalmente adequadas e de mudanças na divisão do trabalho por classe” (Harding, 1983, p. 326). A autora questiona por qual motivo as/os feministas teriam demorado tanto para ter a percepção de que os objetos comuns de suas pesquisas como “o patriarcado, a misoginia, os papéis de gênero, a discriminação contra as mulheres e a primeira divisão no trabalho são apenas manifestações da realidade subjacente a um “sistema sexo/gênero” (Harding, 1983, p. 327). Esse sistema tem construído uma inconstante importante na vida social no decorrer da história e em todas as culturas da contemporaneidade – da mesma maneira que classes e raça, é uma inconstante social orgânica, não apenas um “efeito” de outras causas mais elementares. Ainda que a intensidade como esse sistema opera nas mais diversas sociedades sejam diferentes, mesmo em uma mesma sociedade de acordo com outros fundamentos (exemplificando como classe e raça), ele pode limitar ou desenvolver oportunidades das quais são constituídas as relações sociais da vida diária, os aspectos das instituições de uma sociedade e todos os nossos padrões de pensamento.

As epistemologias e a ciência estão desenvolvidas sobre as bases desse sistema e refletem seus conteúdos, de uma ruptura sexual da natureza e das capacidades humanas e, por conseguinte, os papéis sociais de homens e mulheres.

Os estudos feministas de crítica ao modelo dominante da ciência já decorrem há algum tempo assim como seus pressupostos de neutralidade, autonomia e objetividade. De lá para cá, esses estudos se multiplicaram e ramificaram em diversas correntes. O acesso das mulheres às universidades e à pesquisa alcançou melhoras significativas no Brasil, embora ainda se observe uma hierarquização

de dominação masculina na docência e, especialmente, no acesso a bolsas de pesquisa e de produtividade.

Por outro lado, de acordo com Boaventura de Sousa Santos (1988), são muitos e fortes os sinais de que o modelo de racionalidade científica ainda dominante atravessa uma profunda crise, a qual se pode considerar irreversível. Tal crise, conforme este autor, seria o resultado interativo de múltiplas condições tanto sociais como teóricas. Entre as sociais, podemos apontar justamente a incapacidade desse paradigma de atender, no desenvolvimento da tecnologia e da ciência, às necessidades e aspirações específicas de uma parcela majoritária da população, se considerarmos as mulheres e outros grupos sociais subordinados aos padrões de dominação prevalentes.

Diante disso, pensando os saberes em torno das relações de gênero e sexualidade que a sociedade reproduz e sendo o sujeito uma posição sócio-histórica constituída na e pela linguagem, como lembra Moita Lopes (2008), os sentidos sobre quem somos ao invés de essências dadas no mundo são construções sócio-históricas atravessadas pelas marcações de gênero, raça e classe e por meio do uso da linguagem, nas práticas discursivas em que atuamos. Nessa perspectiva, esse estudo tem o objetivo de analisar e compreender as associações de gênero na escola a partir dos papéis masculinos e femininos associados às diversas disciplinas curriculares.

IDENTIDADE, FUNÇÃO E CONCEPÇÕES ACERCA DA PROFISSÃO DE PROFESSOR

Para Houssaye (1995), a identidade não é um dado imutável nem externo, que possa ser adquirido. Porém, é um processo de formação do sujeito situado em um determinado período histórico. Assim como as demais, a profissão de professor emerge em um determinado momento histórico e em determinado contexto, como resposta as determinações postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade. Sendo assim, determinadas profissões já não existem mais e outras surgiram nos tempos modernos. Outras adquirem poder legal, permanecendo como práticas formalizadas e significado burocrático. Outras não chegam a desaparecer, mas se transformam, adquirindo novas características para responderem a novas demandas da sociedade. Este é o caso da profissão de professor. Essas considerações apontam para o caráter dinâmico da profissão

docente, como prática social. É na análise crítica da profissão, diante das imposições da sociedade, que se buscam os referenciais para modificá-la.

A identidade profissional se constitui a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Como, também, da resignificação das práticas culturalmente consagradas. Algumas práticas que resistem as transformações ao longo dos anos e as inovações, porque estão repletas de saberes válidos às necessidades de qualquer realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise das práticas e das teorias já existente, da formulação de novas teorias, constrói-se, também, pelo significado dado, no cotidiano, por cada professor a partir de seus valores, da forma como visualiza e situa-se no mundo, da sua vida e sua história, de suas representações, de seus saberes, de seus desejos e planos, do sentido que tem em sua vida: o ser professor. Assim, como parte de suas relações com outros professores, nas escolas, nos sindicatos e em outros agrupamentos.

Quando os alunos chegam à escola, já têm saberes sobre o que é ser professor. Saberes esses provindos da experiência de ser aluno, que foram de diferentes professores em toda sua vida escolar. Também sabem sobre o ser professor, através das mudanças históricas da profissão, da observação do exercício profissional, sabem um pouco sobre as representações e os estereótipos e, conseqüentemente, dos preconceitos que a sociedade tem dos professores, através dos meios de comunicação.

Nesse sentido, estamos entendendo que a educação é um processo de humanização; que acontece na sociedade humana com finalidade de formar indivíduos capazes de participar no processo civilizatório e, principalmente, para levá-lo as gerações seguintes. Essa prática social é proferida por todas as instituições da sociedade.

A educação realizada na escola está fundamentada no trabalho dos professores e dos alunos. A finalidade deste, é contribuir com o processo de formação de ambos os sujeitos pelo trabalho em grupo, na coletividade e associar ao conhecimento, em uma perspectiva de inseri-los na sociedade. Isto é, a civilização, resultado do trabalho humano, cuja as riquezas desfrutáveis pelos seres humanos é evidenciado pelo o progresso elevado, revelando-se, dessa forma, uma sociedade desigual, contraditória em que grande parte dos indivíduos constituintes dessa sociedade se encontra à margem dessas conquistas, dos benefícios trazidos pelo processo civilizatório.

Na história da formação dos professores, esses saberes têm sido trabalhados como blocos distintos e desarticulados. A escola que conhecemos atualmente, de acordo com Costa (1995), foi construída a partir do século XV em ambiente totalmente rígido quanto à disciplina, edificada no conjunto das transformações que produziram a modernidade – e ainda o faz. O conceito contemporâneo de que o homem é ‘moldável’, favoreceu novos pensamentos acerca da infância, tornando-a o centro das atenções e preocupações. No mesmo momento, surgiram modelos, técnicas e procedimentos a fim de controlar, disciplinar e corrigir os indivíduos, transformando-os de rebeldes a dóceis e úteis. A aprendizagem pela cultura foi substituída pela escolarização. Nesse período, as escolas já eram dirigidas pela Igreja e foi nesse momento que se deu oportunidades para as camadas mais populares com o intuito de educar o povo para a leitura das sagradas escrituras, sendo o corpo docente constituído pelo clero. A necessidade de convocar leigos para a realização dessa tarefa fez com que fosse incorporado um juramento de fidelidade aos princípios da Igreja, surgindo assim o termo professor - aquele que professa a fé e é fiel aos princípios da Igreja e, principalmente, doa-se sacerdotalmente aos discentes (Krentz, 1986).

Segundo Enguita (1989), do doutrinação religioso a escola passou a uma dominação ideológica, de forma que gerassem nos jovens, por meio da disciplina material e da organização da experiência escolar, hábitos e comportamentos mais adequados às necessidades da sociedade. Dentre as muitas imposições feitas pela nova doutrina do trabalho, algumas foram especificamente formuladas aos professores: 1) desenvolver técnicas de ensino eficazes que deveriam ser seguidas pelo corpo docente; 2) para o exercício da docência, os profissionais deveriam ter as qualificações necessárias; 3) a partir das qualificações, os profissionais deveriam ser capacitados periodicamente ou colocar requisitos de acesso; 4) manter o docente à altura de suas obrigações durante a sua permanência na instituição fornecendo, assim, uma formação permanente; 5) dar-lhe instruções detalhadas sobre como realizar seu trabalho; e 6) controlar permanentemente o fluxo do “produto parcialmente desenvolvido”, isto é, o aluno (Enguita, 1989).

Nos últimos anos, outras questões se adicionam às da organização do trabalho docente. De acordo com Esteves (1999), o aumento das responsabilidades e obrigações dos educadores ao encontro de uma grande transformação histórica no contexto social vem trazendo grandes modificações no papel do

professorado. Merazzi (1983) afirma que essas mudanças no papel do professor deve-se a três pontos fundamentais: 1º) as transformações nos agentes de socialização (família, ambiente cotidiano e grupos sociais organizados), que, nos últimos anos, passaram a exigir das instituições escolares o que, antigamente, era sua responsabilidade; 2º) a transmissão tradicional dos conhecimentos pelas instituições escolares em uma sociedade em evolução que proporciona outras fontes de informação e cultura (meios de comunicação e consumo cultural de massas, etc.); e 3º) o conflito vigente nas instituições quando se trata da real função do professor, quais os valores que o docente deve transmitir e questionar. As transformações apontadas “[...] supõem um profundo e exigente desafio pessoal para os professores que se propõem a responder às novas expectativas projetadas sobre eles” (Esteves, 1999, p. 31).

Neste processo, o professor desempenha vários papéis, muitas vezes, contraditórios e complexos, que lhe exigem manter o equilíbrio em várias situações. Exige-se que seja companheiro e amigo do aluno, proporcionando apoio para o seu desenvolvimento, porém sem deixar de adotar o papel de julgamento, contrário ao que foi primeiramente imposto. Deve estimular a autonomia do aluno, mas ao mesmo que siga as regras da instituição. Algumas vezes é proposto que o professor atenda a seus discentes de forma individual e, em outras, ele precisa lidar com as políticas educativas cujo é direcionado as necessidades sociais, fazendo com que o professor e o aluno se tornem dominados pelas necessidades econômicas e políticas do momento (Merazzi, 1983).

Perrenoud (1993) afirma que a profissão de professor é uma “profissão impossível”, pois trabalha diretamente com pessoas. Dessa forma, a educação não terá sucesso absoluto, pois nessas profissões – que trabalham diretamente com o público – sempre há conflitos e mudanças. Como uma instituição social, a escola, segundo Teles (1992), experimenta uma grande crise devido à crise vivida pelo Homem e pela sociedade que ele está inserido. Porém, Esteves (1999) adverte acerca das desorientações provocadas nos sujeitos quando estes são obrigados a transformações em um período muito curto. Para o autor, o corpo docente está sendo extraído do meio cultural que se desenvolveu desde o seu nascimento e está sendo remanejado a um meio completamente diferente do seu, sem a esperança e/ou possibilidade de retornar ao seu meio social.

Perrenoud (1993) ainda completa que a transformação mais importante e significativa no papel do docente esteja associada ao que o autor denomina de “avanço contínuo do saber”. Não se trata, apenas, da atualização contínua, mas

também da renúncia de saberes já interiorizados. Os professores são obrigados a ensinar conteúdos que nem sequer eram mencionados quando começaram a exercer esta profissão. No entanto, aquele que, de alguma forma, resiste a essa imposição e continua mantendo o papel de modelo social, tornando-se exclusivo na transmissão do conhecimento e o possuidor do poder, possivelmente será questionado e desenvolverá sentimentos de mal-estar.

SEXUALIDADE, GÊNERO E SALA DE AULA

Através do apoio teórico de Michel Foucault e Judith Butler, Guacira Louro (2004) traz diferentes explicações encontradas na história, que justificam as desigualdades nas relações entre mulheres e homens. Avaliando os discursos, podemos perceber relações entre as transformações sociais, políticas e econômicas e a forma como se focaliza a sexualidade e o corpo nos mais variados momentos históricos. A autora enfatiza, não negando a materialidade dos corpos, “são os processos e as práticas discursivas que fazem com que aspectos dos corpos se convertam em definidores de gênero e de sexualidade e, como consequência, acabem por se converter em definidores dos sujeitos” (Louro, 2004, p.80).

Tal afirmação pode ser reconhecida na forma mais comum na relação sexo/gênero/sexualidade, qual seja o gênero constituinte de dois elementos e o desejo sexual ao sexo oposto; esta lógica fundamenta-se, especialmente, no caráter biológico do sexo. Eis aqui o problema a ser discutido pela autora, embasada nas teorias da filósofa norte-americana Judith Butler. É necessário o questionamento acerca da naturalização do sexo e as regras que legitimam o corpo, constituindo, assim, relações de poder. Louro (2004) exemplifica a desnaturalização dos corpos com as drag-queens.

Nessa direção o movimento mais importante consiste em colocar o conhecimento, a pedagogia, o currículo sob suspeita. Como coloca a autora, trata-se “de questionar sobre as condições que permitem (ou que impedem) o conhecimento” (Louro, 2004, p.65).

Trata-se, portanto, das marcas culturais que constituem o sujeito hegemônico como o gênero e a sexualidade. Trazendo para o currículo a multiplicidade dos seres, questionando o que é imposto, problematizando o conhecimento são maneiras, apontadas pela autora, para proporcionar um currículo menos domi-

nador e impositivo. Um currículo que demonstre a instabilidade, que apresente o movimento e a transgressão como estados produtivos para os sujeitos.

Nesse sentido, reconhecemos que, não apenas nos espaços triviais, mas também em escolas, alguns docentes e estudantes questionam suas experiências e ensaiam práticas sob a ótica do gênero e da sexualidade. Um processo, portanto, plural, polêmico e complexo, no qual práticas educativas e pedagógicas cotidianas incitam questões e problemas teóricos, ao mesmo tempo que novas teorias e movimentos sociais provocam ou transformam as práticas pedagógicas.

CONCEPÇÕES DE GÊNERO ASSOCIADAS ÀS DISCIPLINAS CURRICULARES

Esta investigação teve como sujeitos de pesquisa professores do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e do Ensino Médio (1ª a 3ª série) do Colégio Menino Deus, uma das várias escolas privadas existentes no município de Mossoró/RN.

Pesquisas realizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam que as mulheres são indicadas para maior parte das novas vagas de trabalho. Ao longo do tempo, a busca pelo conhecimento tem gerado mais preocupação para as mulheres do que para os homens. A Fundação Seade mostra que, em 1994, 35% das mulheres contavam com o ensino médio completo. Ao final da década, esse número chegou a 43%.

As empresas que valorizam o conhecimento verão na mulher uma grande aliada para realizar seus objetivos, diante de sua naturalidade ao enfrentar as adversidades e processos multifuncionais. A sensibilidade da mulher contribui para a formação de grupos de trabalho com integrantes heterogêneo. Juntos, de forma sistemática, são capazes de solucionar problemas ditos como insolúveis. Sem dúvida, esse modelo traz resultados expressivos. A empresa que aposta na particularidade de seus colaboradores os torna mais ágeis, capazes de lograr êxito.

Dessa forma, podemos constatar que a mulher busca o conhecimento para se manter sempre bem informada e atualizada. Dentre os nossos entrevistados, podemos perceber que todos eles possuem graduação e que, alguns deles, buscam outros níveis de formação para manter o prestígio e a capacitação como profissional. Botelho (1999) afirma que o sexo feminino cuida melhor de sua car-

reira. As mulheres têm desempenho melhor numa rede de contatos, visto que, em atividades coletivas são mais organizadas e compreendem quais atitudes são positivas. Segundo Botelho (1999), as cinco principais atitudes que a mulher tem são: acessibilidade, humildade, dominação, objetividade e sensibilidade.

De acordo com o IBGE, “o perfil da escolarização por gênero indicou que as mulheres tinham percentual maior de frequência a escola que o dos homens” (IBGE, 2010). No grupo de 18 a 24 anos há uma maior distância nos números – sendo a participação feminina de 31,8%, enquanto a dos homens é de 30%. A população feminina possui maiores taxas de escolarização em todas as faixas de idades. Mesmo em relação aos anos de estudos, as mulheres mantêm um maior número, perdendo para os homens no grupo com 60 anos ou mais. É do sexo feminino, também, os maiores índices de eliminação do analfabetismo. Todavia, as mulheres, com relação ao nível de ocupação, ainda apresentam baixos índices - 46,7% entre elas contra 68% entre os homens. Esses dados foram constatados pela Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do IBGE. “A mulher, embora seja a maioria da população em idade ativa [82.309 contra 77.052], é maioria na população desocupada. Isso pode vir do fato de que, se a mulher não é a cabeça do domicílio, ela pode ficar mais tempo procurando emprego. Além disso, embora tenha escolaridade superior, as empresas ainda têm restrição de que contratar a mulher, por ela já ter atividades em casa”, diz Cimar Azeredo, gerente da integração Pnad e PME (Pesquisa Mensal de Emprego), do IBGE.

Todas as mulheres entrevistadas para esse estudo ocupam seus cargos de professoras e tomam conta da casa. São profissionais bem-sucedidas, mas também são mães, esposas e donas-de-casa. Na atualidade, o perfil das mulheres diverge daquelas do início do século XXI. Ao mesmo tempo em que cumpre sua função no mercado de trabalho, em que muitas vezes, assumem cargos de confiança semelhantes aos dos homens, ela ainda assume as funções tradicionais: ser mãe, esposa e dona de casa. A mulher, também, enfrenta dupla jornada de trabalho.

A mulher que desenvolve atividade fora do lar enfrenta, muitas vezes, dupla ou até tripla jornada de trabalho. Ocupa-se em desempenhar funções profissionais para ajudar o orçamento doméstico e ainda, no seu dia-a-dia, preconceitos de toda ordem: ganhar salário menor que o homem que executa a mesma tarefa, discriminação por ser mulher, a obrigação de estar sempre bonita e pronta para vencer as dificuldades de uma sociedade machista (Furlanetto, 2001, p. 54).

O trabalho realizado pelas mulheres fora do seu ambiente domiciliar é algo relativamente recente. Adquirir seu próprio sustento, sua independência financeira e, mais do que isso, ser reconhecida pela sua competência é bastante gratificante para todas. No entanto, elas mantêm a tradição de que as mulheres devem cuidar de suas famílias, filhos e da casa.

Na materialidade linguística das nossas entrevistadas, pode-se perceber uma afirmação no que diz respeito à existência de dispersões dos papéis identitários da mulher contemporânea. Isto é, que além de serem mulheres modernas, elas também reafirmam funções de outrora, ou seja, mesmo com toda a tecnologia pós-moderna e com atividades variadas que as mulheres assumem (como trabalhar fora de casa e contribuir no orçamento familiar), elas nunca deixaram de ser donas-de-casa. “Decorar, educar e cozinhar” são tarefas do lar, portanto, esses discursos verbais e também visuais, retomam e repetem funções domésticas assumidas desde sempre, pelas mulheres. Foucault (1971[2006]) afirma que os discursos podem ser retomados e transformados por outros discursos já ditos, que permanecem ditos ou estão ainda por dizer.

Mesmo diante das dificuldades que as mulheres enfrentam para crescer profissionalmente, elas têm se mostrado determinadas e empenhadas a alcançar o sucesso profissional. Nassar (2004) explica que isso ocorre porque a mulher passa a considerar a carreira tão importante quanto às funções que socialmente lhe são impostas. As entrevistadas mantêm uma carreira de sucesso associada a uma vida familiar cuja sua participação é indispensável. “A maior ascensão da mulher no mercado de trabalho e o maior comprometimento com o desenvolvimento de sua carreira tem ajudado na diminuição das barreiras da sociedade e organizacionais” (Souza Melo, et al, 2009). A melhora do nível de escolaridade da mulher e a luta pela sua cidadania possibilitou, assim como os homens, a escolha da sua carreira profissional, a flexibilidade ocorrida no mercado de trabalho e o amadurecimento intelectual favoreceu, de forma significativa, a construção da carreira profissional. “Mulheres mais instruídas, de nível socioeconômico mais elevado e economicamente ativas passam a ter menor número de filhos e, ao mesmo tempo, tornam-se mais disponíveis para o trabalho” (Bruschini, 1995, p. 6).

Christine de Pizan defendia arduamente o envolvimento das mulheres no cerne social. Usando a sociedade francesa como argumento modificador articulou uma pesquisa relacionada à igualdade feminista em relação à vida política e cultural. Os resultados foram publicados na obra intitulada *As Sociedades das*

Mulheres (2021). Segundo a autora, a imparcialidade entre mulheres e homens deve ter início no ambiente escolar, sendo uma educação unificada para meninos e meninas. Foi a partir desse momento, que muitas mulheres lutaram contra o preconceito, por uma sociedade igualitária com relação ao gênero, contra a misoginia e, mais que isso, pela notoriedade do “sexo frágil” no mercado de trabalho.

Em geral, a preferência feminina é pelos cursos com características bem-definidas, tradicionalmente associados ao papel feminino de “suporte”, assim como foi a escolha de uma de nossas entrevistadas, a funções consideradas mais importantes para o meio social. Na docência, os cursos escolhidos pelas mulheres são os ligados às áreas humanas, principalmente as licenciaturas e, os homens, restringem-se a áreas mais “difíceis” como exatas, engenharias, dentre outras. Em contrapartida, quando observamos a distribuição dos entrevistados, percebe-se uma modificação desta situação, pois duas das entrevistadas deram preferência a cursos que tradicionalmente são associados ao mundo masculino e, dois dos entrevistados, deram preferência a disciplinas que são consideradas, historicamente, femininas, como podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 1 - Disciplina lecionada pelas professoras na área de exatas e pelos professores na área de humanas

	Que disciplina leciona?
Alice	Matemática
Amanda	Física
Olavo	Eu leciono Língua Portuguesa e Produção de Textos
Otelo	Eu leciono Literatura e Etiqueta

Fonte: Coleta de dados.

Ainda que em número reduzido, os nossos entrevistados fazem parte de um grupo que buscam formas de subverter a ordem social estabelecida que, ao determinar as funções a serem desempenhadas pelas mulheres, mesmo as que possuem nível superior, mantém sua dependência financeira e subordinação ao homem, seja ele pai ou marido e, os homens, buscam subverter os conceitos sociais de que todo e qualquer homem que não aprecia as disciplinas e/ou trabalhos masculinizados possui algum “problema sexual”. Em um mundo em constante evolução, tal papel é questionado pelos gêneros e, como agentes políticos, passam a buscar formas de controlar seu próprio destino, pondo por

terra todo o ideário social que limita a ação feminina às funções mais “dóceis” da sociedade e a função masculina de comando e de poder.

Percebe-se que o lugar social da mulher continuava sendo o matrimônio, sendo o magistério primário visto como uma alternativa ‘decente’ para as não casadas, ainda que sob a tutela masculina, que dispunha da autoridade sobre aquelas. Algumas se deram conta da importância da escolarização como uma via de autonomia para suas vidas. Esse processo possui características da nossa tradição coercitiva sobre a mulher, porém o ingresso dessas mulheres no meio universitário em cursos subjugados masculinos e dos homens em cursos femininos já é sinal de mudanças vindouras, especialmente, com relação aos valores hereditários.

É notório que houve uma mudança significativa da sociedade nos últimos 20 anos. Porém, essas mudanças ainda não correspondem a um nível satisfatório no que se refere ao trabalho feminino. Mesmo, participando de forma ativa no processo de crescimento social, a mulher ainda sofre com a exploração do trabalho, mesmo depois de tantas conquistas conseguidas. Quando perguntado quais oportunidades surgiram de emprego no início da carreira, as respostas foram diversificadas, no entanto podemos perceber que duas entrevistadas, denominadas de Alice e Amanda, tiveram mais dificuldades do que os outros em função da questão de gênero.

Quadro 2 - Oportunidades oferecidas aos professores no início da carreira

<p>Alice</p>	<p>Todas as minhas propostas de emprego foi por indicação... Comecei a trabalhar em uma loja e acho que eu estaria lá até hoje se não fossem as pessoas que passaram em minha vida... Sai da loja quando o meu colega da faculdade me ofereceu o cargo na salineira, ele era um dos homens que mandava lá e, no início, pensavam até que eu tinha um caso com ele... mas eu nunca tive! Sempre o respeitei demais! E só saí de lá porque fui indicada para trabalhar na escola... Não tive muitas oportunidades, mas as que tive foram suficientes.</p>
<p>Amanda</p>	<p>Eu não tive oportunidades de emprego, eu corri atrás de emprego, isso é bem diferente. Eu nunca estagiei no período de faculdade, mas paguei para me deixarem estagiar na área de física, meu pai pagou, eu lembro que época era muito dinheiro, minha mãe ainda trabalhava na mesma loja de automóveis aqui em Natal e eles se uniram e me deram o dinheiro pra eu pagar meu estágio. Minha irmã é professora de Língua Portuguesa e nunca teve esses problemas no período de sua formação. Enfim, quando eu voltei a Mossoró, comecei a procurar emprego em qualquer lugar, porque eu queria casar e precisava de dinheiro. Até que um dia, eu cheguei em uma escola, não essa, mas que eu ainda trabalho lá, e eu fui bem clara com a pessoa que me recebeu que, na época era coordenadora pedagógica da escola, eu disse: Moça, eu já rodei muito atrás de uma oportunidade, eu estou aqui porque sou formada em</p>

física, quero ensinar física, preciso do emprego e preciso do dinheiro... Se você me der à oportunidade de tentar, de fazer o meu trabalho, você não irá se arrepender”, e assim foi... Nunca esqueci quando ela olhou nos meus olhos e disse, as aulas começam em duas semanas... esse foi o dia mais feliz da minha vida! Trabalho lá até hoje e tenho uma enorme admiração e gratidão pela coordenadora, porque se não fosse ela talvez eu não conseguiria. Depois de muitos anos trabalhando lá e procurando vaga em outras escolas, fui chamada para trabalhar aqui, nessa instituição, Colégio Menino Deus, eu vim trabalhar aqui, ela me deu a oportunidade e a gestora disse que nunca havia recebido meu currículo porque a escola já tinha um professor de física, mas que ele tinha saído da escola porque havia passado em um concurso para ser Oficial de Justiça, e só por esse motivo ela precisava de um outro professor, foi com essa escola que abriu as portas para as outras e, hoje, leciono em quatro escolas... dando 12 aulas em 6 turmas em cada uma delas...divido entra manhã e tarde. Relembrar isso só me traz a certeza do quanto eu sou corajosa e do quanto eu fui forte!

Fonte: Coleta de dados.

Quando a mulher deixou seu ambiente domiciliar e foi trabalhar fora, sofreu inúmeros pré-julgamentos que atingiram sua moral. O mais comum é a convicção de que deixar o ambiente doméstico para buscar o crescimento pessoal colocava a mulher no aspecto de prostituição. Isso aconteceu com Alice que, ao conseguir um emprego em uma salineira, foi julgada como alguém que tinha um relacionamento extraconjugal com o patrão.“(...) só muito recente a figura da mulher pública foi dissociada da imagem de prostituta e pensada pelos mesmos parâmetros pelos quais se pensa a homem público” (Rago, 2000, p. 56), passando, pois, a ser vista como um ser racional dotado de intelecto, moral e capacidade para o trabalho. Não só o trabalho convencional, mas também para a ascensão em cargos historicamente masculinizados.

Lobo (1991) ressalta que a divisão do trabalho pelo sexo é uma característica histórica e construída a partir das relações sociais, ora conservando imposições acerca das tarefas masculinizadas e/ou femininas em uma indústria, ora criando modalidades da divisão sexual das tarefas. A submissão do gênero nas relações de trabalho femininas e masculinas revela-se não apenas na divisão de obrigações, mas também no momento de definir a qualificação dessas obrigações, nos salários, na disciplina do trabalho. O trabalho dividido por sexo não é simplesmente a distribuição de tarefas por setores ou ramos, senão também o principal instrumento de desigualdade no trabalho.

Para Amanda foi mais complexo conseguir o primeiro emprego. Infelizmente, apesar de estarmos no século XXI e com evoluções sociais, tecnológicas e igualitárias, nota-se que as mulheres ainda sofrem com a indisposição de um sistema misógino. Amanda lutou, procurou por emprego como qualquer

outra pessoa. No entanto, as dificuldades foram enormes e ao se comparar com sua irmã pôde perceber que a disciplina que escolheu como profissão e o fato de ser mulher ainda era motivo de discriminação.

A compreensão dos efeitos de sentido produzidos pela fala de Amanda só foi possível pela retomada da memória discursiva, na qual os sujeitos ressignificaram o enunciado da história da mulher, deslocando-o ao campo de trabalho e construindo outras significações adaptadas ao novo contexto. Como Gregolin (2000, p. 13 -14) afirma “a imagem traz discursos que estão em outros lugares”, e esses discursos voltam em forma de “remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase”.

Portanto, os sentidos das palavras no enunciado são reconstruídos, originando, assim, outras formações discursivas conforme a realidade social na qual os sujeitos estão envolvidos no processo de interação. Antigamente, como a história retratava a função feminina e masculina de forma diferente da atual, a entrevistada não poderia ser representada da mesma forma, mulher ousada, comprometida e formada em física, uma disciplina estritamente masculina. Foucault (2002) reforça essa ideia e afirma: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. Como se trata da profissão professor de física específico para homens, a ideologia empregada busca criar um imaginário da nova mulher decidida e batalhadora, que sabe escolher o melhor para alcançar o que deseja. Assim, Amanda ao declarar que “já rodei muito atrás de uma oportunidade, eu estou aqui porque sou formada em física, quero ensinar física, preciso do emprego e preciso do dinheiro... Se você me der à oportunidade de tentar, de fazer o meu trabalho, você não irá se arrepender” parece induzir a coordenadora a dar a oportunidade que ela tanto anseia, pois somente com esse argumento, ela conseguiu o seu primeiro emprego.

Para os demais entrevistados, não houve grandes oportunidades de emprego devido à falta de experiência, mas as oportunidades que apareceram foram suficientes para consegui-la. Baseado nessas constantes retomadas e repetições dos discursos sobre as funções que a mulher ocupou anteriormente e ainda ocupa hoje, entende-se que, mesmo na contemporaneidade, na época da liquidez das identidades, essa afirmação da mulher esposa, mãe, dona de casa continua fixa na memória coletiva das pessoas e também nas lembranças armazenadas e mantidas em circulação pela mídia. Observa-se que permanecem as responsabilidades das mulheres pelas atividades domésticas e cuidados com os

filhos e outros familiares – o que indica a continuidade de modelos familiares tradicionais, que sobrecarregam as novas trabalhadoras, principalmente as que são mães de filhos pequenos, em virtude do tempo consumido em seus cuidados (Bruschini, 2007). Além disso, um grande número de mulheres assume tarefas no mercado de trabalho semelhantes às aquelas feitas no ambiente doméstico, educando crianças ou cuidando de idosos e doentes, trabalhando, sobretudo, em setores ligados à educação e à saúde (Sanchez e Gebrim, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre as concepções de gênero no ambiente escolar, especialmente em instituições de ensino como o Colégio Menino Deus, evidencia a complexidade das interações entre gênero e currículo. O estudo revelou que, embora a evolução social tenha promovido uma maior autonomia para as mulheres, desafios persistem nas relações de poder e nas escolhas profissionais. A análise das práticas pedagógicas e a percepção dos professores apontam para uma luta contínua contra preconceitos que ainda permeiam o cotidiano escolar, mostrando que a educação desempenha um papel crucial na construção de uma sociedade mais igualitária.

Os resultados da pesquisa destacam que, apesar das mudanças significativas nas dinâmicas sociais, os estereótipos de gênero ainda influenciam as expectativas e os comportamentos de alunos e professores. A escola, como espaço formador de cidadãos, tem a responsabilidade de promover um ambiente que valorize a diversidade e desmistifique as atribuições tradicionais de gênero nas diversas disciplinas. Isso exige um comprometimento dos educadores em abordar questões de gênero de maneira crítica e reflexiva, promovendo discussões que ajudem a desconstruir preconceitos e a construir uma cultura de respeito e equidade.

Além disso, o papel do professor se revela fundamental não apenas na transmissão de conteúdos, mas também na formação de valores e na modelagem de atitudes. Os docentes, independentemente de seu gênero, desempenham uma função vital na construção de um ambiente inclusivo que favoreça a igualdade. As práticas pedagógicas que desafiam os estereótipos de gênero, incentivando tanto meninos quanto meninas a se engajarem em todas as áreas do conhecimento, são essenciais para transformar a cultura escolar e, conseqüentemente, a sociedade.

Por fim, é imperativo que a escola continue a refletir sobre suas práticas e políticas em relação à questão de gênero. O reconhecimento da importância da diversidade no ambiente educacional não deve ser apenas uma meta, mas uma prática constante. Assim, ao se empenhar na desconstrução de estereótipos e na promoção de uma educação inclusiva, a escola contribui não apenas para a formação de indivíduos mais conscientes, mas também para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos têm o direito de perseguir suas aspirações independentemente de seu gênero.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo: A Experiência Vivida**. Tradução de Sérgio Milliet – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 500 págs., 9ª edição: 1949, 1980

BOTELHO, J.M. **Mulheres Cuidam Melhor da Carreira**. *Jornal Carreira & Sucesso*, 1999.

BRUSCHINI, Cristina. **Trabalho feminino no Brasil: avaliação dos anos oitenta e perspectivas para o futuro**. Seminário e Mesas Redondas: a mulher no mundo do trabalho. Dez., 1995.

BRUSCHINI, Cristina. **Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.64, p.4-13, fev. 2007.

COSTA, C. **A Imagem da Mulher: Um Estudo da Arte Brasileira**. Editora Senac Rio - São Paulo, 1995.

ENGUITA, M.F. **A face oculta da escola**. Educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ESTEVES, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. São Paulo: EDUSC, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006[1971] / 2002. (coleção Leituras Filosóficas).

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Tradução: Elisa Monteiro. 2002, p. 264-287.

FURLANETTO, M. A. **A mulher e a dupla jornada de trabalho**. *Jornal Carreira & Sucesso*, 2001.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS - SEADE. Disponível em <<http://www.seade.gov.br/>> Acesso em set. 2012

GREGOLIM, Maria do Rosário. Recitações de mitos: a história na lente da mídia. In: GREGOLIN, M.R.V. (org). **Filigramas do discurso**: as vozes da história. Araraquara: FCL/UNESP, São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000.

HARDING, Sandra. **Gender, Democracy, and philosophy of science**. The Pantaneto Forum. Abril de 2010, Vol. n. 38. disponível em: <<http://www.pantaneto.co.uk/issue38/front38.htm>> Acesso em 10 out 2011.

HARDING, Sandra. Why has the sex/gender system become visible only now? In: **Discovering reality**: Feminist perspectives on epistemology, metaphysics, methodology and philosophy of science. Boston : D. Reidel, 1983, pp. 311-324.

HELD, Jacqueline. **O Imaginário no poder**. Summus, 1985.

HOUSSAYE, Jean. **Une illusion pedagogique?** Cahiers Pédagogiques, Paris, n, 334. p. 28-31, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/default.shtm>>. Acesso em 12.jun.2009.

KRENTZ, L. **Magistério**: vocação ou profissão? Educação em Revista, 3, 1986, 12-16. LOBO, Elisabeth Souza. **A classe operária tem dois sexos**. Trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Brasiliense, 1991

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997, 2010

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MERAZZI, C. **Apprendre à vivre les conflits**: une tâche de la formation des enseignants. European Journal of Teacher Education, 1983.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada**: a linguagem como condição e solução. DELTA., vol. 10, nº2, 1994, p. 329-338.

NASSAR, Paulo. **Tudo é comunicação**. São Paulo: Lazuli Editora, 2004.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: **Revista Estudos Feministas**, CFH/CCE/UFSC, vol. 8, nº 2, Brasil, Santa Catarina, 2000, pág. 8-41

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: D.Quixote, 1993.

PISCITELLI, Adriana. **On Gringos and Natives, Gender and Sexuality in the Context of International Sex Tourism**, Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology1, p. 87–114. Disponível em <<http://www.vibrant.org.br/portugues/artigos2004.htm>> 2004 Acesso em 24 out 2012.

PIZZAN, Christine. La cittadelle dame. **A sociedade das mulheres**. Tradução Patrícia Caraffi. Edizione Earl Jeffrey Richards. Roma: Carocci, 2002.

RAGO, M. Por uma educação libertária: o gênero na nova escola. In: **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo, UNESP, 2000, pp. 479-490.

SARDENBERG, Cecília MB. **Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?** labrys, étudeshféministes/ estudos feministas. [Online] jan-jun de 2007. [Citado em: 04 de 06 de 2011.] Disponível em <http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/labrys11/libre/cecilia.htm> Acesso em out. 2012.

SANCHES, S.; GEBRIM, V. L. M. **O trabalho da mulher e as negociações coletivas**. São Paulo, Estud. av. vol.17 N° 49 Sept./Dec. 2003. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300007>>. Acesso em: 09 out 2011.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica, Educação e Realidade v. 20 (2), Jul./Dez.1995.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um Discurso sobre as Ciências**. Porto : Edições Afrontamento, 1988.

SOUZA MELO, K. ; APARICIO, I. C. S. ; OLIVEIRA, P. C. ; CALVOSA, Marcello . **Desenvolvimento de Carreira**: O Papel da Mulher nas Organizações. Revista Cadernos de Administração, 2009.

TELES, M. L. S. **Educação**: a revolução necessária. Petrópolis: Vozes, 1992.